

AMOR ATO ZERO

Textos de Paulo Fontenelle de Araujo

AMOR ATO ZERO

Marília ainda era estagiária em enfermagem quando um rapaz esfaqueado e inconsciente entrou na emergência do Hospital Santa Luzia em Fortaleza. O médico examinou a vítima, o corte fora aberto na altura do estômago; tomou alguns cuidados e pediu à Marília as seguintes providências: colocar a luva cirúrgica e introduzir lentamente a sua mão direita dentro da cavidade formada pelo ferimento do rapaz. Marília, julgando iniciar algum tratamento, obedeceu ao homem, introduziu lentamente a sua mão no estômago da vítima, mas quando estava no caminho, depois do corte, ela sentiu, devagar, as últimas batidas do coração daquele paciente. Marília puxou a mão e gritou. Soltou um grito enorme e ouviu a risada do médico titular, por coincidência também o seu professor na Faculdade de Enfermagem.

O mestre ordenara a providência da introdução da mão no abdômen do rapaz esfaqueado, não como uma tentativa de salvação do paciente, já condenado, mas para Marília sair do estágio, tornar-se uma profissional enfermeira que conhece e sabe relativizar a hora da morte. Enfermeiras devem adquirir a noção do efêmero.

Marília também começou a chorar. Chorou muito, junto com os familiares do rapaz, que morreu logo depois. Marília chorou porque percebeu também: sua mão dentro daqueles restos mortais não tinha sido apenas uma aula prática. Marília se sentiu unida ao corpo do jovem e tudo - o ferimento, a luva cirúrgica, o coração do paciente, o coração de Marília - pareceu uma fileira de dominós em queda, retida ali entre seus dedos.

Marília lembrou deste fato como a ocorrência mais marcante de uma carreira de cinquenta anos. Tão marcante para confessar a sua única irmã:

- Eu nunca me casei, mas algo em mim continua tão ligado ao tal rapaz quanto naquele dia.

Grandes são as coincidências neste mundo. Sábado, dia 23, Marília faleceu por causa de uma úlcera.

Marília tinha setenta anos. Deixa uma irmã, também enfermeira, e um sobrinho.

Apenas a irmã entendeu o pretexto amoroso da úlcera de Marília.

- Estes poemas foram escritos por Marília

AMOR ATO UM

A luva plástica não abraça o coração
mas pode afetar a certeza da palma oculta.
Aceite assim meu bico de ave em teu estômago,
a eminência do pico do amor e a resignação.

Você não está morto,
teu ser encosta em mim teus ais,
teu sorriso se espalha por meus anos passados
e assim permaneço, pois sou beirada e caís.

Teus olhos esparsos dizem adeus
mas o corte não se despede,
pupilas e lábios anunciam serem meus.

Sons da minha madrugada guia batem,
ao comando deste início que tudo prossigam
para que beijos feridos sempre compensem.

SAUDADE ATO UM

Linda era a tua pele e nosso momento ainda sangra.
Como decifrar a memória que surgiu sem vida,
sendo ela ainda o futuro, ciclone da nossa medida,
extensão do céu eclipsado pelo sangue.

Porque durante dias a tevê espalhou o teu nome,
na enorme ferocidade do mundo que avança,
que vende biscoitos para as tardes
e o sabor ácido de beijos em vingança.

Não saberei porque me dói os dedos ao alcance do garfo.
Não saberei dos teus pecados diante da boca aberta,
sempre a todo instante e na hora incerta.

Ainda assim que lindo foi meu vestido amarelo,
o vestígio do meu desejo e do meu gesto.
Lembranças congeladas do que se tornou resto.

AMOR ATO DOIS.

Uma enorme candura pulsa em nosso arranjo,
só esta certeza obedeceria a um homem,
e caso a tarde envidraçada a oculte
sei que meu silêncio e mordanças a comem.

O encanto pode vagar pelas ruas,
a solidez do amor pode quebrar paredes,
embora as idolatrias sejam para as cobras,
e a união vibre em suas formas cruas.

Antes não haviam saídas
Eu não puxava o toque de Midas,
mas agora sei que as ondas surgirão.

Hoje concentro-me em tua chegada afinal.
Deito-me sobre a fígada e o sal.
E teu amor será maior sendo súbito.

SAUDADE ATO DOIS

**Hoje eu vi colinas e pardais
Na cabeça da estátua uma pomba ria.
Por todos os lados nada acontecia,
e entendi que esta espera me revigorava.**

**Depois choveu e as águas eram as mesmas.
Vendiam sapatilhas na loja de calçados,
vendiam alianças para a noiva eterna
os desejos pareciam acalmados.**

**Torpor e luz e despedida.
Listei as impressões da viagem prometida,
nunca quis chorar, trazer o êxito da chama.**

**Sempre quis afirmar: Meninas não parem de sonhar!
Primeiro de janeiro, o princípio.
Dia a dia como areias contra o mar.**

AMOR ATO TRÊS

**O estraçalhar da noite não são estrelas,
são sorrisos e pagam em outra moeda,
embora não haja alívio diante da perda,
o amor se expande perto da queda.**

**E amados são o teu suor e esmalte tão intensos
eles combinam com as sensações dos rastros,
das entranhas deixadas na língua das estradas,
logo no limite serás meu e puxaremos astros.**

**Perdoo a noite que esqueci
Não vejo uma lua, apenas a acesa testemunha.
Eu te mereço e sei disto pela seiva de ti.**

**Não devo chorar na junção incrível,
devo agradecer ao gênio imperdível
aceitar teu amor na simultaneidade da lesão.**